**RELATO DA CARAVANA AGROECOLOGICA E CULTURAL DO LESTE PAULISTA – 08 A 10 / 11/ 2013**.

**I- Introdução:**

A Caravana Agroecológica e Cultural do Leste Paulista promoveu uma série de atividades vivenciais no período de 8 a 10 de novembro de 2013.

A Caravana foi organizada por diversas entidades ligadas a Articulação Paulista de Agroecologia, sobretudo de sua regional leste.

A Caravana Agroecológica e Cultural do Leste Paulista está integrada a uma série de outras caravanas ocorridas em todo o Brasil, como eventos preparatórios para o III ENA a ser realizado de 26 a 29 de maio de 2014 em Juazeiro BA.

As atividades realizadas na Caravana do leste paulista tiveram o intuito de promover a discussão sobre os caminhos da agricultura, evidenciar os conflitos com o agronegócio existentes nesta região do Estado de São Paulo, bem como fomentar a troca de saberes entre atores diversos, tanto desta como de outras regiões do país.

**II- dia 08 de novembro – Abertura da Caravana:**

A abertura da Caravana ocorreu com cerca de 50 participantes que foram recebidos no dia 8 de novembro, no Centro Cultural de Integração e Inclusão Social da Unicamp, CIS Guanabara, onde foi servida uma refeição a todos os presentes que incluiu bolos, chás, café, arroz doce, canjica, entre outros. Às 19h demos início oficial à Caravana, os presentes puderam conhecer o projeto permanente de extensão universitária “Sexta na Estação”, uma parceria da Rede de Agroecologia da Unicamp – RAU, com o Programa de Extensão em Agroecologia e o CIS Guanabara. O “Sexta na Estação” tem como objetivo principal promover um espaço pautado em atividades de extensão, articuladas com o ensino e a pesquisa, com o enfoque educacional de sensibilização e vivência em torno da temática “saúde, alimentação, ambiente e qualidade de vida”, tendo a Agroecologia como fundamentação teórico-metodológica.

Os participantes da Caravana tiveram a oportunidade de participar da feira Pé na Roça (feira da agricultura familiar, economia solidária e de produtos orgânicos), que acontece semanalmente às sextas-feiras das 16h às 19h neste local e trocar experiências com os agricultores, artesãos e estagiários. Também puderam visitar as instalações da RAU, onde localiza-se o espaço Sementeira, composto por um acervo bibliográfico e videográfico em Agroecologia e áreas correlatas.

Ao final da tarde promoveu-se uma confraternização com a apresentação de um grupo de samba “Projeto Alvorada”, de alunos de graduação da Unicamp.

Após a abertura da Caravana, os participantes foram transportados por 3 Vans para dormir na Vila Yamaguishi em Jaguariúna SP.

**III- dia 09 de novembro - visita as experiências Agroecologicas na região:**

Após o café da manhã, houve uma apresentação e discussão sobre o histórico de ocupação regional do Leste Paulista, realizado pelo Agr. Francisco Miguel Corrales (EMBRAPA Meio Ambiente), o qual enfatizou a importância das trajetórias das organizações e movimentos regionais para o fomento da transição agroecológica e abordou projetos realizados pela Rede de Agroecologia do Leste Paulista para a consolidação de unidades de referência em agriculturas de base ecológica.

Em seguida, foram apresentados 4 roteiros de visitas a experiências agroecológicas na região, o monitor de cada um dos quatro roteiros previstos apresentou uma síntese das experiências a serem visitadas e os participantes se inscreveram no roteiro desejado.

A Caravana percorreu os quatro roteiros de visitas abrangendo os seguintes municípios: Campinas, Jaguariúna, Americana, Piracicaba, Araras e Bragança Paulista. Estes foram definidos buscando-se demonstrar a heterogeneidade de experiências na região. Para cada eixo mobilizou-se um grupo local para a recepção e organização das visitas, assim como para mobilizar a comunidade local em torno de uma pauta de discussão sobre a agricultura.

Foram disponibilizadas 4 Vans, sendo uma para cada rota assim distribuídas:

Van 1 – Região metropolitana de Campinas SP – com 12 participantes;

Van 2 – Região de Americana SP – com 09 participantes;

Van 3 – Região de Araras SP – com 11 participantes;

Van 4 – Região de Bragança Paulista SP – com 10 participantes.

Em cada van, para cada roteiro, contamos com uma equipe de voluntários composta por:

1 monitor responsável pelo roteiro e quem, anteriormente, havia agendado as visitas e conhecia os locais e os agricultores.

1 ou 2 sistematizadores, da Rede de Agroecologia da Unicamp, responsáveis por coletar e discriminar informações acerca das experiências visitadas a fim de, posteriormente, elaborar um relatório de acordo com um padrão único. Esta equipe foi coordenada pela professora Giovanna Fagundes e seus alunos, do projeto de extensão em Agroecologia da Unicamp.

2 comunicadores, um responsável pelo registro fotográfico e outro pelo registro audiovisual das experiências. Os equipamentos e profissionais para este registro foram possíveis graças aos esforços e contatos de Kellen Junqueira, do laboratório Terra Mãe da Unicamp e Andréa Ono, jornalista e membro da Cooperativa Entre Serras e Águas.

**III.1.1 - Rota 1 – Região de Campinas SP / Vila Yamaguishi**

Na região de Campinas, foram visitadas duas experiências. A primeira foi a Vila Yamaguishi, em Jaguariúna, apresentada pelo veterinário Romeu Mattos Leite que narrou sua história durante um percurso de caminhada pelo sitio. Segundo ele a Vila foi fundada em 1987 por um grupo de cinco estudantes recém-formados em agronomia e veterinária que tinham o ideário de buscar por uma modelo de agricultura alternativa, pois haviam vivenciado em suas famílias as externalidades advindas do modelo convencional. Em busca deste novo paradigma conheceram o conceito do yamagushismo, criado em 1953 por um agricultor chamado Miyozo Yamaguishi, que propõe a constituição de uma rede global de comunidades intencionais baseadas em formas horizontais e relações, produção e troca que considerem em sua essência a harmonia com ao ambiente E foi justamente o contato com esta corrente, após uma estadia de três anos no Japão onde membros fundadores buscaram conhecimento e suporte para início do empreendimento, a mola propulsora para a fundação da Vila Yamagushi. Os moradores da vila a conceituam como um local onde famílias de voluntários estabelecem-se sem posses procurando um estilo de vida mais igualitário. A administração é feita através de reuniões diárias coletivas, onde prevalece a lógica de tomada de decisões através de consensos e os lucros obtidos pelo grupo são posse coletiva. Um diferencial importante deste grupo é que suas decisões partem de uma base de valores onde o senso de bem estar coletivo, cooperação e felicidade são mais importantes que as questões econômicas. Sem sombra de dúvidas, este grupo se constitui em uma referência em produção de base ecológica no leste paulista.

Desde sua fundação, a Vila Yamaguishi esteve alinhada com os princípios da agricultura natural. As primeiras atividades produtivas foram voltadas apenas para a subsistência dos residentes locais. Posteriormente, deu-se início à criação de galinhas poedeiras visando a comercialização de ovos e a produção de composto para viabilizar a produção de hortaliças. A comercialização do excedente de produção iniciou-se apenas dois anos após a inauguração da Vila e, no começo eram realizadas entregas em domicílio de uma quantidade pequena de produtos. Com o crescimento da produção e o auxílio da repercussão de seu modo de produção de base ecológica na ECO 92 e no Globo Rural, a Vila passou a expandir sua produção e comercialização, atendendo demandas maiores de consumidores.

Atualmente, a Vila conta mais de 70 cultivares, como banana, cana-de-açúcar, mandioca, milho, pupunha e horticultura. Porém, o maior destaque da produção advém da produção de ovos orgânicos, na qual é referência nacional. O sítio conta com aproximadamente 10.000 galinhas poedeiras que são criadas soltas, em pasto arborizado com frutíferas, praticando comportamentos próprios da espécie, como ciscar, e alimentadas com ração orgânica, cuja composição foi elaborada pelo grupo. Dessa forma, o sistema garante a produção de ovos orgânicos, sem sofrimento animal, permitindo com que as aves vivam de uma forma saudável. Além das aves, há criação de suínos.

A produção é integrada e desta forma, tanto o esterco advindo das aves quanto da suinocultura é utilizado para a compostagem e as sobras da produção vegetal são utilizadas para alimentação dos animais, garantindo dessa forma uma maior autonomia da propriedade com relação aos insumos externos e promovendo uma ciclagem orgânica adequada e vantajosa tanto para o agricultor, quanto para o meio ambiente.

Em termos de insumos externos a Vila destaca as sementes e os pintinhos, que não são produzidos no local, bem como alguns componentes da ração das aves, como o pó de ostra. Para manutenção dos locais da criação das aves, ainda são adquiridos externamente serragem para forrar o chão e alguns cereais que não são produzidos no sítio, mas que são imprescindíveis à composição nutricional adequada da ração oferecida às aves. Porém, aos poucos esse quadro está sendo revertido, pois os agricultores da Vila já buscam realizam experimentos próprios buscando por alternativas de alimentação para as aves advindas de sua própria produção, como por exemplo, a utilização da pupunha como fonte proteica.

Romeu mostrou aos participantes da Caravana que na Vila o sistema de horticultura é realizado a partir de consórcios buscando sempre maximizar a produção e garantir um solo saudável. A rotação de culturas é realizada a cada dois anos e, juntamente com o plantio direto e uso de cobertura morta, garantem uma qualidade e aproveitamento do solo muito maior, resultando em um solo saudável, onde os índices de erosão, lixiviação e empobrecimento são bastante reduzidos.

Apesar de ainda necessitar parcialmente da compra de insumos externos, os fundadores da Vila adotam em algumas áreas práticas agroecológicas de suma importância como policultivo e sistemas agroflorestais todos de uma forma integrada, onde são utilizados a compostagem própria, rotação de cultura, plantio direto, cobertura morta e plantio de árvores como quebra vento. Não há utilização de mecanização pesada que pudesse prejudicar o solo, causando compactação.

O cuidado com o meio ambiente também é de extrema importância na Vila. Há vinte hectares de matas preservados, sendo oito destes de floresta nativa e os demais reflorestados com plantas em diferentes idades. Esse cuidado com a cobertura vegetal natural promoveu uma revitalização da nascente existente na propriedade, garantindo um maior suporte hídrico à propriedade. Além disso, as conexões entre os fragmentos são mantidas, o que auxilia no trânsito de animais silvestres. Há interesse dos agricultores em ampliar futuramente o sistema agroflorestal, estimulando assim que ocorram novos plantios de árvores e um aumento paulatino da reserva do local.

O cuidado com o meio ambiente não é restrito à propriedade da Vila. Trabalhando conjuntamente com uma ONG da região, a vila realiza a limpeza dos rios além de promover o repovoamento dos mesmos pela soltura de alevinos. Cursos são oferecidos sobre educação ambiental, promovendo uma conscientização não só dos moradores da propriedade como também da comunidade do entorno.

Além do cuidado que possuem com o meio ambiente e a saúde do consumidor e do produtor, a Vila Yamaguishi possui uma preocupação real com a qualidade de vida das famílias que integram esse sistema. Todas as tarefas da propriedade são sempre planejadas em conjunto com os moradores e distribuídas em consenso, sem hierarquização. Todos possuem voto e tarefas igualitárias, o senso de coletividade é muito grande.

Desde meados de 2001 a comercialização dos produtos é feita diretamente com o consumidor. A experiência anterior na comercialização com supermercados apontou para o grupo que comercialização sem atravessadores além de garantir maior lucro ao agricultor promove uma diminuição do custo do produto ao consumidor. Atualmente, realizam 4 feiras em Campinas e enviam produtos para a feira do Ibirapuera, na capital paulista, através de uma articulação de agricultores. Também realizam vendas por telefone e internet com entrega em domicílio ou no próprio sítio. Atualmente a Vila Yamaguishi atende as cidades da região de Campinas e possui um parceiro que realiza a distribuição na região de São Paulo.

Deve-se salientar que a Vila Yamaguishi também atua fortemente na região como articuladora de grupos voltados à produção orgânica na região, fazendo parte da diretoria da Associação de Agricultura Natural de Campinas e região, onde tem um papel de destaque na consolidação de Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade – OPCs, sendo seu selo orgânico vinculado à OPAC Mogiana. Também atuam fortemente no âmbito das políticas públicas de fomento à Agroecologia, tendo participado como representação para a proposição da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, assim como do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Além disso, atuam na Comissão da Produção Orgânica de São Paulo, na qualidade de representante do Fórum Brasileiro de Sistemas participativos de Garantia. A Vila também faz parte da Articulação Paulista de Agroecologia e da Rede de Agroecologia da Unicamp.

**III.1.2 - Rota 1 – Região de Campinas SP/ cio da terra**

A segunda visita no roteiro da Região de Campinas foi à Horta Comunitária Cio da Terra, no Bairro Itajaí, onde a Caravana foi recebida pelo Sr. Orlando Santos, presidente da Associação de Agricultura Urbana de Campinas, e pelo Sr. João Novais, fundador da horta comunitária, além do Sr. Mário, funcionário da Secretaria de Trabalho e Renda da Prefeitura Municipal de Campinas.

A visita iniciou-se com uma conversa do Sr. Orlando sobre a importância da incorporação dos conceitos da Agroecologia pela agricultura urbana e sua relação direta com a segurança alimentar da população, principalmente dos grupos de baixa renda. Em seguida, o Sr. João foi convidado a contar a história do movimento de horta comunitária no Pq Itajaí. Segundo ele, no início dos anos 2000 a Sra. Izalene Tiene, prefeita de Campinas na época, entregou um terreno para a Associação de Bairro localizada no Parque Itajaí, através de um projeto que previa ajudar as pessoas de baixa renda do bairro. Porém, apesar de ter havido certo investimento este projeto não teve continuidade. O terreno da horta ficou abandonado e há cerca de 10 anos o trabalho na horta foi reativado pelo Sr. João Novais, que começou a trabalhar na horta como terapia para um problema de saúde. Ele começou a produzir sozinho e sem experiência neste tipo de produção, mas anteriormente ele havia trabalhado no campo, com café, milho, arroz, feijão, soja. A terra entregue não era muito bem estruturada, então o Sr. João começou a transformar o solo incorporando capim no solo. Conforme foram aparecendo compradores para as hortaliças o Sr. João foi convidando essas pessoas do bairro para participarem do trabalho na horta. O número de pessoas que estavam trabalhando com a horta foi aumentando, e com isso foi aumentando a produção. Porém, no inicio eles não tinham conhecimento da produção orgânica e sendo assim usaram adubo químico e agrotóxico para matar o mato.

O DTR (Departamento de Trabalho e Renda- setor de economia solidária) da Prefeitura Municipal de Campinas foi até o Sr. João com a proposta de formalizar a associação de produtores. As reuniões tiveram início, a Associação de Bairro não concordava com a criação de uma nova associação, o que implicou em muitas dificuldades. As reuniões tiveram que ser em diferentes lugares, usando o espaço de outras comunidades, da horta e na igreja. Surgiu então a Associação Cio da Terra. Através de um projeto da Unicamp em parceria com a Prefeitura de Campinas os produtores da horta começaram a ter conhecimento da produção orgânica e dos princípios da agroecologia. O curso possibilitou também conhecer a Rede de Agroecologia do Leste Paulista, a qual permitiu a visita em outras propriedades. A horta durante esses anos de existência passou por altos e baixos. O Sr. João teve muitas vezes que investir dinheiro do próprio bolso para manter a produção e o grupo. No entanto, em 2009 a Prefeitura de Campinas formalizou um convênio com o INCRA para um projeto piloto denominado Agriurbe, que viabilizou verba para investimentos na horta em termos de insumos e infraestrutura, bem como houve parceria para a assistência técnica. Tiveram também orientações do engenheiro agrônomo Osmar Diz (CATI) de como produzir hortaliças dentro do princípio da agroecologia.

No inicio do projeto havia aproximadamente 40 famílias que tinham interesse em produzir na terra. No entanto, hoje existe cerca de 20 famílias cadastradas para o trabalho com a horta. Em 2009, a Horta Comunitária do Parque Itajaí ganhou o Prêmio de Responsabilidade Ambiental RAC e Sanasa, o qual tem objetivo de destacar e incentivar iniciativas de sustentabilidade ambiental que são realizadas diariamente pela comunidade, instituições e empresas. A partir desse momento o número de consumidores aumentou e agregou valores aos produtos da horta. Nesse momento houve também contato com o grupo Trocas Verdes de Barão Geraldo, através desse grupo houve contato com o Restaurante Raízes Zen. Hoje a horta tem um ponto de venda que permite à comunidade o acesso a alimentos de boa qualidade por um baixo preço.No entanto, o grupo ainda enfrenta grandes problemas de estruturação e falta de reconhecimento pelo poder público.

**III.2.1 - Rota 2 – Região de Americana SP /Cooperacra**

O eixo de Americana da Caravana contemplou a visita a três locais. A Caravana foi recebida, na sede da COOPERACRA, pelo Sr. Venceslau que iniciou a apresentação contanto que a cooperativa funciona como uma distribuidora regional dos produtos, onde diversos produtores de alimento orgânicos, agroecológicos e de agricultura familiar participam. O local da cooperativa passava por um período de construção estrutural e de entre safra na produção, então o Sr.Venceslau comentou que estavam em constantes mudanças.

O primeiro cooperado a relatar sua história e vivência na cooperativa foi o senhor João, agricultor e poeta. O Sr. João nasceu na Bahia e foi jovem morar no Paraná para trabalhar no campo, porém deparou-se com o triste cenário da agricultura convencional repleta de agrotóxicos, o qual ele sempre teve desgosto. Em pouco tempo foi expulso do campo e de sua função de agricultor por conta do processo de mecanização. Então se mudou para a cidade de Americana e foi morar na cidade, porém sentiu a necessidade de estar em contato novamente com a vida no campo. Então soube de alguns terrenos periféricos, em Americana, que poderiam ser ocupados para a produção agrícola. E assim, retomou o trabalho de agricultor e começou a pensar na cooperativa.

O Sr.Venceslau também relatou como iniciou seu trabalho na COOPERACRA, contando que trabalhou por 10 anos na engenharia e começou a se envolver com a produção agrícola, quando seu pai, o Sr. João, resolveu ocupar as terras na periferia de Americana. Ele comentou sobre as dificuldades da luta pela legalização da terra. Relatou também a ação da prefeitura, há anos atrás, quando passaram com trator em cima da plantação para construir algumas “benfeitorias” para o bairro. Este fato fez com que a união dos que estavam assentados aumentasse e com que conseguissem permanecer nas terras. Porém, sentem a necessidade do envolvimento de mais pessoas para a ampliação do projeto, já que o trabalho da produção agrícola é pesado e acaba desmotivando muitas pessoas que inicialmente entraram no projeto. Então, eles fundaram a associação para facilitar a comercialização dos produtos. Entre as dificuldades relatadas está a posse da terra, uma batalha que perdura há 16 anos, pois que eles não tem a documentação que a legaliza.

João Paulo (neto do sr. João) também relatou que começou a participar da produção agroflorestal por intermédio da mãe, Srª. Fátima (filha do Sr. João) e que está bem envolvido com o trabalho. A Fátima (filha do Sr. João) comentou que tentou se envolver com outros trabalhos da cidade, mas que acabou retornando para o trabalho do campo por gosto. E que quando começou a participar da cooperativa, poucas eram as mulheres que trabalhavam no campo.

A Carol (filha do Sr.Venceslau), que está na cooperativa há 2 anos, também encontrou na família o incentivo para se envolver com o trabalho da agrofloresta e da cooperativa. Sempre teve uma preocupação muito grande em tornar as terras produtivas, ainda mais para não perderem a posse.

Em todas as falas percebemos que há um carinho muito grande pelo trabalho no campo e pela permanência do projeto da cooperativa, cuidando para envolver os jovens a participar do dia a dia do trabalho.

A COOPERACRA tem cerca de 30 produtores da região de Americana, o que possibilitou abrir o leque em diversas frentes de produtos, trocas de experiências entre os cooperados e aprendizados.

“Desde que começamos este trabalho a gente vendia para quem podia pagar e doava para quem precisava” (Sr. Venceslau). Eles doavam para famílias carentes e para uma creche, foi quando souberam da existência do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), como eles já tinham a experiência prática, resolveram elaborar um projeto. Hoje eles atendem em média 1800 pessoas em três creches. Com este projeto, a cooperativa conseguiu se organizar financeiramente para pensar em novos desejos, como o beneficiamento de produtos, que é algo que querem investir.

Como as principais dificuldades enfrentadas pela cooperativa, há a irregularidade da terra, o que dificulta na participação de projetos de financiamento. Além disso, a dificuldade, do pequeno produtor, em acessar informações sobre editais, financiamento, direitos sobre a terra.

Houve um debate sobre como a mídia influencia a população frente a temas como agricultura orgânica e tradicional e as dificuldades impostas pela vigilância sanitária, pelas políticas públicas e pela indústria de saúde. Por fim, entendemos que esta é uma das maiores barreiras a ser quebrada, que é um trabalho árduo e de conscientização, porém, extremamente necessário.

Caminhando pela área de produção agroecológicas os participantes da Caravana observaram a enorme biodiversidade cultivada na área. Os canteiros são cobertos com palha seca, é praticada a rotação de culturas e a produtividade da área é bem alta. Eles realizam duas grandes colheitas por semana (nas segundas e terças) e pequenas colheitas são realizadas quando necessário (normalmente a cada 2 dias).

**III.2.2 - Rota 2 – Região de Americana SP /Saf**

Conhecemos também uma área de SAF, de 2000 metros, implantada em 1989 com mais de 100 espécies diferentes e a maioria das frutas comercializadas saem deste SAF. Também observamos a preocupação com a preservação do ambiente, já que eles plantaram boa parte da mata ciliar que percorre o rio de dentro da propriedade.

**III.2.3 - Rota 2 – Região de Americana SP /Primavera**

A segunda visita do roteiro de Americana foi á horta Primavera, onde fomos recebidos pelo Sr. José Luiz Chimetto (o proprietário da horta) e pelo técnico que presta assistência técnica, Sr. Marcelo Oyafuso.

O Sr. Luiz tem uma horta urbana que funciona de segunda à sábado ao qual ele vende somente o que planta, no pequeno balcão da própria horta, não trabalhando como intermediário de nenhum produto. Parte dos produtos que vende, como legumes, vem de seu sítio, em Limeira.

A horta começou em 2006, quando o Sr. Luiz se aposentou e foi buscar uma atividade, então ele comprou o terreno (no qual o início era somente mato) e se estabeleceu no trabalho de agricultor. Na horta trabalham 3 pessoas, o Sr. Luiz, sua esposa e um ajudante.

Para formular o preço dos seus produtos, o Sr. Luiz se baseia nos outros produtores da região. O público atendido pela hora é de classe média alta.

Em Americana há um incentivo de água e luz pela prefeitura, assim, o produtor não tem esses gastos. Há também uma política de incentivo à ocupação de espaços públicos com hortas urbanas, assim, apesar de existirem muitas hortas na cidade, os produtores não conversam entre si.

No modo de produção, o Sr. Luiz aplica cal nos canteiros a cada 2 meses e leite de cal (água + cal) uma vez por semana nas plantas. Ele também utiliza yorin (à base de fostato), esterco curtido e a cada 10 dias uma cobertura com bokashi.

Como as principais dificuldades ele pontuou a assistência técnica (já que o seu consultor é de Araraquara), sementes de qualidade, água e o pequeno viveiro para se fazer as mudas.

A diversidade da horta não é muito grande e ele não comercializa produtos que não seja convencional (como a beldroega), mesmo quando estes crescem em grande quantidade e espontaneamente no terreno.

**III.2.4 - Rota 2 – Região de Americana SP /Piracicaba**

A última visita do roteiro foi ao Sítio da Dona Lurdes, em Piracicaba, onde a Caravana foi recebida pela Taís, sua filha.

Em conjunto, resolvemos começar a conversa caminhando pelo sítio e logo no começo da caminhada pudemos entender o porque. A Tais nos mostrou uma árvore de Jatobá, enorme, de quase 100 anos e nos contou o porquê ela resolveu permanecer no campo. Ela foi criada com aquela árvore e este contato é muito importante para ela até hoje. Ela mora lá desde que nasceu, há 23 anos e a 10 anos eles converteram a sua produção em orgânicos, e já são certificados.

O sítio tem 2 alqueires e é rodeado por plantações de cana de açúcar e uma usina. Perguntamos como eles lidam com o fato de haver muita cana e tão próximo da área de cultivo, e a Tais nos explicou que aquela área de cana está parada há mais de 10 anos por disputas políticas, então não é uma preocupação no momento. Mesmo assim, eles sofrem enorme pressão por conta do agronegócio e da indústria.

Tais nos contou que somente 3 pessoas trabalham no sítio: ela, a mãe e o pai, assim, eles tentam utilizar de tecnologias simples e práticas para facilitar o trabalho. Eles fazem plantação escalonada, então sempre tem produtos. Observamos também uma enorme variedade no sítio, com cultivo de diversos legumes, hortaliças e frutas. Eles também utilizam a técnica de tuneis para plantar algumas hortaliças, pois auxilia no verão muito quente e com chuvas fortes.

A água que utilizam para regar a plantação é de uma mina que brota dentro do sítio. Antes eles utilizavam a água de um rio que passava embaixo da propriedade, porém, a usina, que faz limite com a propriedade, represou parte deste rio (furtando parte das terras da família da Srª Lurdes e derrubando parte da mata ciliar plantada pela família). Mesmo com a usina cuidando das águas residuais, esta água do rio não pode mais ser utilizada para rega, principalmente pela temperatura.

**III.3.1 - Rota 3 – Região de Araras SP / Sr. Valdir**

Às 11h a Caravana chegou à propriedade do Sr. Validr, agricultor familiar do assentamento Araras 3, no município de Araras. Na primeira hora da visita, conhecemos a propriedade de 1 hectare, na qual visitamos o bananal, que o proprietário conduz em sociedade com outro assentado vizinho, e sua produção de hortaliças, bem diversificada porém, naquele momento, prejudicada por uma chuva forte que ocorreu nos dois dias anteriores.

 A seguir, em roda, os participantes iniciaram um bate-papo com o Sr. Valdir que narrou sua história de vida, as atividades da propriedade e divisão de trabalho na família, como se deu seu envolvimento com o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no início da década de 1990, a ocupação das terras e demarcação dos lotes que hoje integram o assentamento Araras 3 e suas motivações para a conversão à produção orgânica desde o início de 2013. Seu Valdir recebeu a concessão de uso da terra em 1997 e, desde então, faz uso de fertilizantes, pesticidas e inseticidas químicos em sua produção. Em nossa conversa, apontou as principais dificuldades que tem enfrentado para a conversão, como a dificuldade para encontrar assistência técnica e as exigências da certificadora orgânica. Também narrou porque desistiu da venda direta e hoje comercializa para uma grande rede de supermercados da região.

**III.3.2 -Rota 3 – Região de Araras SP / Boa Esperança**

Às 13h desembarcamos na propriedade das irmãs Clarissa e Juliana Mansur, na fazenda Boa Esperança, município de Leme. No local foi servida uma feijoada vegetariana aos participantes e, após o almoço, seguimos em visita pela propriedade. As irmãs narraram o histórico da propriedade e suas motivações para abandonar suas carreiras urbanas, como nutricionista e administradora de empresas, para assumir a propriedade da família e adotar a produção agroecológica através das práticas da Agricultura Natural. Toda a produção é comercializada por venda direta através da entrega semanal de cestas de produtos, e o local também promove vivências terapêuticas, cursos, almoços, entre outros. As irmãs também apontaram suas principais dificuldades, como a inviabilidade da certificação para sua escala de produção e a dificuldade para estabilizar a produção em níveis rentáveis. Em seguida, seguimos para um banho de riacho na propriedade e, antes de partir, conhecemos o casarão colonial do início do século XX no qual hoje vivem as irmãs e sua mãe.

**III.3.3 -Rota 3 – Região de Araras SP / Otavio**

Às 17h chegamos à propriedade de Otávio Faria, também no município de Leme, que é produtor familiar, engenheiro agrônomo e integrante do sistema participativo de garantia da Associação de Agricultura Natural de Campinas. Fomos recepcionados com picolés caseiros e, a esta altura, inclusive o motorista da van contratada estava envolvido nas visitas, interagindo e participando ativamente. A visita impressionou a todos, a produção de Otávio é altamente diversificada e o agricultor faz uso extremamente bem sucedido da homeopatia. O agricultor descreveu como contorna suas dificuldades com o entorno, com a falta de mão-de-obra e como organiza a comercialização de sua produção. Às 20h retornamos à Vila Yamaguishi.

**III.4.1- Rota 4 – Região de Bragança Paulista SP/ Coop. Serras e Aguas**

Local - Central de Processamento da Cooperativa Entre Serras e Águas (Praça Berlo Horizonte 81, Cruzeiro-Bragança Paulista)

Início das atividades de prepração: 9h

Colaboradores-Grupo de Teatro que compartilha espaço com a Cooperativa (projeto de teatro com a Comunidade do Bairro do Cruzeiro), Elisabete Mariano Beraldo, Márcio Barros, Felipe Granado, produtora Vilda Bertoldi, nutricionista Maria Aparecida Gonçalves e produtores. Preparação do espaço para reunião (cabos, fios, câmeras, data show, café da manhã, frutas, transporte da comida e almoço).

Início das atividades da Caravana - 12h

Foram distribuídas camisetas aos que vieram de localidades mais próximas à Bragança. Os companheiros da Caravana chegaram à Central de processamento da Cooperativa por volta das 12h vindos de Jaguariúna.

No total foram cerca de 50 pessoas, houve coleta de assinaturas para o Manifesto.

O grupo de teatro coordenado por Ivan Montanari fez uma breve performance, para dar boas vindas aos visitantes com jovens da comunidade e filhos de cooperados, servindo pêssegos produzidos por cooperados.

Vanina Sperendio, nutricionista da prefeitura de Vargem, vice-presidente da Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista e coordenadora do curso de nutrição, falou sobre a importância de se adquirir produtos da agricultura familiar, especialmente orgânicos, para a qualidade da alimentação Escolar. Relatou que o município de Vargem adquire produtos da agricultura familiar desde 2010 e que dá preferência aos produtos orgânicos. Falou também sobre a dificuldade em manter esta postura, diante da mudança de cenários políticos.

Rita Valle-vereadora do município de Bragança, fundadora da Associação Bragantina de Combate ao Câncer (ABCC). A entidade recebe produtos da agricultura familiar, incluindo orgânicos, através do PAA-Doação (Programa de Aquisição Antecipada). Ela relatou a satisfação ao ver que cidadãos em tratamento oncologico, incluindo seu marido, ao receberem liberação de nutricionista para consumir morangos organicos, após longos períodos se alimentando apenas de suplementos.

Leandro Caetano - representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Bragança Paulista, que opera diretamente o PAA. Falou sobre a importância de receber pela primeira vez os produtos através do PAA e também sobre o processo de adequação às regras do programa assim como o trabalho conjunto com a Cooperativa Entre Serras e Águas de melhoria dos sistemas de controle de distribuição, qualidade e prestação de contas à Conab e entidades relacionadas,como os conselhos.

Hatsu Ono: agricultor familiar orgânico, fundador da Cooperativa Entre Serras e Águas, secretário da Cooperativa, falou sobre a mudança nos destinos da agricultura familiar após o lançamento dos programas do governo de incentivo à agricultura familiar. Destacou, no entanto, a dificuldade de se obter mão-de-obra, especialmente para os mais velhos, pois é difícil manter a atividade. Contou que mudou sua produção de hortaliças para bananas e couve, devido a esta dificuldade.

Andréa Ono - jornalistas do Sindicato dos Bancários e gestora administrativa da Cooperativa falou sobre a satisfação em participar tanto do processo de fundação da cooperativa, através do Sindicato dos Bancários e de seus projetos, pois significam a realização de um desejo de seus pais, quando frequentava a escola pública na década de 80. Nesta época a alimentação escolar era de péssima qualidade e seus pais complementavam a merenda com produtos de sua produção. Falou sobre a luta de vários companheiros ao longo de décadas, para que a alimentação escolar se tornasse, além de referência de saúde, mercado para pequenos agricultores, garantindo a sobrevivência da família no campo. E sobre o papel que as parcerias construídas com ANC, CATI, Embrapa, Conab e outras cooperativas.

Abordou também o fato de muitas prefeituras que, ao mesmo tempo que se empenham para receber doação do PAA pouco fazem para viabilizar a compra pelo PNAE. Criticou a postura omissa do MDA com relação ao cumprimento de políticas públicas.

Fernão Dias Leme - prefeito de Bragança, havia pedido para ser representado pela vereadora devido ao atraso da da chegada dos companheiros de Jaguariúna. Sua participação havia sido agendada paras as 10h30. Mas compareceu ao final, por volta das 13h30. Falou sobre as dificuldades de implementar o PNAE, devido à terceirização da merenda por ano, mas comprometeu-se a viabilizar o programa, encarregando Rita Valle e Leandro Caetano de verificar, acompanhar e informá-lo sobre porque o processo estava parado no município.

Fabiano Sperendio - gestor operacional da Cooperativa falou sobre as dificuldades em operar o PAA e o PNAE pela falta de vontade politica e pelo de as políticas estarem sujeitas aos humores da política, assim como o despreparo dos servidores e gestores públicos com estes projetos.

Houve debates entre os companheiros.

14h30 - Encerramento dos debates e almoço - O almoço, preparado pela Marmix com produtos dos cooperados da Entre Serras e Águas, e transportado até a propriedade da cooperada Vilda Pires Bertoldi, a 7km da cooperativa.

**III.4.2 - Rota 4 – Região de Bragança Paulista SP/ Dona Vilda**

Visita à propriedade de Vilda Bertoldi (Bragança Paulista) - 15h30 - Após o almoço, foi realizada visita nas plantações de uva e ponkan com tratamento homeopático.e debatida a questão de problemas da produtora pelo fato de poluição da cidade estar prejudicando sua plantação. Por isso, não pode ser certificada, como produtora organica. Ela deu noções de como aplica homeopatia. Os companheiros deixaram a propriedade Vilda Bertoldi por volta das 17h30.

**III.5 – dia 9/11 noite – Vila Yamaguishi.**

As Vans com os participantes das 4 rotas da Caravana retornaram para a vila yamaguishi onde estavam alojados.

O jantar foi servido às 20h e às 21h a apresentação do grupo Maracatucá, da Unicamp, marcou o início da celebração cultural.

Os participantes dançaram com o grupo e um violão também foi compartilhado noite adentro**.**

**IV- dia 10 de novembro / Parque Ecológico**

O café da manhã foi servido às 8h e às 10h a Caravana seguiu para o Parque Ecológico Monsenhor Emilio José Salim em Campinas, local em que ocorre a maior feira de produtos orgânicos da região.

Essa feira é promovida pela Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região – ANC há 22 anos, atualmente a feira vem sendo questionada pela Central de Parques Urbanos da Secretaria do Meio Ambiente do estado de SP, que através da resolução SMA nº 21 de maio de 2011 determina aos feirantes o pagamento de 32,5% da renda bruta auferida na feira. Essa taxa inviabiliza a feira.

Os feirantes recolheram cerca de 800 assinaturas de frequentadores do parque apoiando a permanência da feira, somando-se a isso os participantes se juntaram ao um grupo de frequentadores do parque numa passeata em defesa a área de preservação do parque que vem sendo ameaçada pela especulação imobiliária.

Os participantes interagiram com os produtores, conheceram e adquiriram produtos da região e seguiram então para o Casarão do Parque Ecológico. No local, foi servido o almoço ao meio dia e, em seguida, iniciada uma rodada de impressões e discussões acerca das experiências vivenciadas. Os participantes descreveram os paralelos que conseguiram traçar com suas realidades, com seus históricos familiares, as conquistas e dificuldades das experiências que visitaram e a importância de atividades como a Caravana para renovar e ampliar as forças da luta pela Agroecologia em cada comunidade representada.

Foi ressaltada a importância do IIIº Encontro Nacional de Agroecologia em 2014 como possibilidade de demonstrar a sociedade a importância de apoiar a Agroecologia.

Foi elaborado e aprovado por unanimidade o MANIFESTO DA CARAVANA AGROECOLOGICA E CULTURAL DO LESTE PAULISTA EM FAVOR DA AGRICULTURA FAMILIAR, AGROECOLOGIA E PRODUÇAO ORGANICA que fica como anexo a esse relato.

A Caravana Agroecológica do Leste Paulista foi então encerrada às 14h.

Na sequencia, houve ainda no mesmo local o Iº ENCONTRO DA REGIONAL LESTE DA ARTICULAÇÃO PAULISTA DE AGROECOLOGIA

que terá seu próprio relatório.